



[Trabalho 78]
APRESENTAÇÃO ORAL

*PAULO ETERNO VENÂNCIO ASSUNÇÃO; ALCIDO ELENOR WANDER.
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, GOIÂNIA - GO - BRASIL; EMBRAPA ARROZ E
FEIJÃO, SANTO ANTONIO DE GOIÁS - GO - BRASIL.*

Orientação regional das exportações brasileiras de feijões, 2002 a 2010

Regional orientation of Brazilian dry bean exports, 2002 to 2010

Grupo de Pesquisa: Grupo 3. Comércio Internacional

Resumo

O Brasil é um importante produtor e consumidor de feijão. Apesar de o país ser um importante importador de feijão, também figura entre os países que exportam o produto. Assim, o presente trabalho objetivou caracterizar as exportações de feijão brasileiras, procurando estabelecer a orientação regional do feijão exportado pelo Brasil aos seus principais destinos. Para tal, foi determinado o Índice de Orientação Regional (IOR) para o período de 2002 a 2010, a partir de séries de exportação total e de feijão para países como Angola, Japão, Estados Unidos, Uruguai e Portugal, como principais destinos. As exportações brasileiras de feijão tem apresentado orientação regional favorável para mercados como Angola e Uruguai, apesar das oscilações ao longo do período. O Brasil tem potencial para explorar o mercado internacional de feijões, mas necessita ter mais investimentos em produtividade e aumentar a área plantada com feijão de grãos exportáveis, para que o setor se torne mais competitivo internacionalmente.

Palavras-chave: exportação, comércio internacional, competitividade

Abstract

Brazil is a major producer and consumer of beans. Although the country is a major importer of beans, is also among the countries that export the product. Thus, this study aimed to characterize the Brazilian bean exports, trying to identify possible regional orientation in terms supplied countries. Therefore, the Regional Orientation Index (ROI) of bean exports for the period 2002 to 2010, to countries like Angola, Japan, United States, Uruguay and Portugal, was determined. Brazilian bean exports showed favorable regional orientation to markets such as Angola and Uruguay, in spite of fluctuations throughout the



period. Brazil has the potential to exploit international markets of beans, but needs to have more investments in increasing yields and cultivation area of exportable grain types, so that the sector becomes more competitive internationally.

Key words: exports, international trade, competitiveness

1. INTRODUÇÃO

O Brasil é o 2º maior produtor mundial de feijão com produção média anual de 3,5 milhões de toneladas (BRASIL, 2011a). O feijão é típico produto da alimentação brasileira e é consumido em de várias formas e receitas, é cultivado por pequenos e grandes produtores em todas as regiões do país. Os maiores estados produtores são Paraná, que colheu 792.010 toneladas na safra 2009/2010, e Minas Gerais, com a produção de 623.720 toneladas no mesmo período (BRASIL, 2011a).

O feijão é uma das principais culturas produzidas no Brasil e no mundo. Sua importância extrapola o aspecto econômico, dada sua relevância enquanto fator de segurança alimentar e nutricional e sua importância cultural na culinária de diversos países e culturas (POSSE et al., 2010). O feijão é historicamente um dos principais alimentos consumidos do Brasil, sendo que apresenta a mesma importância no resto do mundo, sua importância é mais evidente quando se analisa as classes menos favorecidas, onde está entre os alimentos mais consumidos.

As características técnicas, agrônomicas e culturais credenciam a cultura do feijão como excelente cultura alternativa para exploração agrícola de pequenas propriedades, sendo que a agricultura familiar é o principal foco, ficando responsável por quase 70% da produção nacional de feijão no ano de 2006 (EMBRAPA, 2011). Esse dado reforça a vocação do feijão em ser produzido em pequenas propriedades e a produção em pequena escala.

O feijão constitui-se em uma das mais importantes fontes proteínicas na dieta humana, sendo que encontra maior consumo e importância nos países em desenvolvimento das regiões tropicais e subtropicais (POSSE et al., 2010). O maior consumo desse produto fica concentrado nas Américas (41,7%), seguindo-se Ásia (34,2%), África (18,6%) e Oceania (0,1%) (FAO, 2011). Os países em desenvolvimento são os principais responsáveis pelo consumo e produção de feijão no mundo, sendo que são responsáveis por 87,1% do consumo e 89,8% da produção total, nesse contexto, entre os continentes, a Ásia é o maior produtor mundial (44,5%), seguido das Américas (38,8%), da África (14,6%), da Europa (2,1%) e da Oceania (0,1%) (POSSE et al., 2010).

Dentre os feijões que são mais comumente produzidos, a espécie *Phaseolus vulgaris*, L. é a espécie mais cultivada do gênero *Phaseolus* (EMBRAPA, 2011). Considerando diversos gêneros e espécies, o feijão é cultivado em 117 países em todo o mundo, com produção em torno de 25,3 milhões de hectares. Considerando apenas o gênero *Phaseolus*, em 2006, 67,3% da produção mundial, o que equivale à 12,7 milhões de toneladas, foram originados de apenas seis países, sendo o Brasil o maior produtor, ficando responsável por 18,2% da produção mundial (FAO, 2011).

A cultura do feijão tem apresentado oscilações nos últimos anos, devido a um comportamento atípico de preços verificados no ano de 2007, houve uma expansão considerável na produção e na oferta geral nas safras subsequentes, proporcionando, desta



forma, a queda sistemática do preço (POSSE et al., 2010). O governo tentou intervir, através das Aquisições do Governo Federal (AGF), mas, o nível de preços se manteve desfavorável durante boa parte do ano de 2009.

Como efeito dessa depreciação do preço do feijão, no período subsequente foi observada uma tendência na redução da área plantada. Na Safra 2009/2010, a área plantada na primeira safra do feijão foi 4,5% inferior a do ano anterior, totalizando 1.343,6 mil hectares, que representa uma redução de 63,4 mil hectares cultivados com o produto (CONAB, 2011). Mas nem tudo é pessimista quanto a produção nacional de feijão, o Ministério da Agricultura prevê a safra terá aumento anula na taxa de 1,77%. Os dados também mostram crescimento no consumo, cerca de 1,22% ao ano, no período 2009/2010 a 2019/2020, passando de 3,7 milhões de toneladas para 4,31 milhões de toneladas em 2019/2020. As projeções indicam também a possibilidade de importação de feijão nos próximos anos. Porém, a taxa equivaleria a 161,3 mil toneladas em 2019/2020, quantidade pouco expressiva, deixando produtores e demais indivíduos envolvidos com a cadeia produtiva do feijão esperançosos quanto ao futuro da cultura no país.

Nos últimos 20 anos, o Brasil reduziu sua área de plantio em torno de 30% (EMBRAPA, 2011). Mesmo com essa diminuição, a produção de feijão aumentou em 33,5%, graças ao expressivo aumento da produtividade média, que foi em torno de 96,6%. Mesmo com o aumento da produção, o país não produz o suficiente para atender ao mercado interno, cujo consumo aumentou em 10% somente nos anos de 2004 a 2010 (POSSE et al., 2010).

O cultivo de feijão é bastante difundido em todo o território nacional no sistema solteiro ou consorciado com outras culturas. É reconhecido como cultura de subsistência em muitas pequenas propriedades nacionais, embora, nos últimos 25 anos, tenha havido um crescente interesse de produtores que pertencem a outras classes, que possuem contato com tecnologias avançadas e sistemas modernos de produção e escoamento da safra (POSSE et al., 2010).

A intensificação da participação brasileira no mercado mundial tem representado uma vantagem para os produtores que visam maiores participações nas importações, pois, pode ser vista como oportunidade de negócios (SILVA e BATALHA, 1999). O Brasil apresenta enorme potencial produtivo, recebendo a alcunha de celeiro do mundo, a expectativa é de o Brasil seja responsável por 40% da produção de alimentos mundial em alguns setores até 2035, sendo que esse número poderá aumentar se os investimentos continuarem a ser feitos, visando maiores produtividades e rendimentos nas áreas cultivadas (BRASIL, 2011b).

1.1. Exportações brasileiras de feijão

O Brasil, ainda, não figura entre os maiores exportadores de feijão no mundo, sendo que um pouco do que é consumido dentro do país tem que ser importado de países como Argentina e Chile, mas a produção brasileira é sempre significativa (BRASIL, 2011a). O feijão não aparece dentro das *commodities*, sendo que seus níveis de exportações ainda não são pequenos, mas, dentro desse contexto, o Brasil consegue manter participação em alguns mercados, exportando feijões para consumo e plantio.



Apesar dos atuais 3,65 milhões de toneladas de feijão que são produzidas, o Brasil ainda tem que importar feijão de alguns países, já citados, sendo que a importação média é 112 mil toneladas/ano, correspondente ao período de 2004 a 2010. Os picos de importações de feijão no Brasil, ocorrem entre os meses de julho e setembro, sendo que determinados, entre outros fatores, pelo resultado das safras nacionais e pelo custo de produção apresentado no ano vigente as importações. No que tange a importação, a grande maioria é do tipo feijão preto, sendo que não é muito plantado dentro do país, apenas no estado do Paraná, que apresenta a maior produção nacional de feijão preto (CONAB, 2011), porém, ocorre importação de outros tipos de feijões, sendo relevantes suas importações. Os principais exportadores de feijão para o Brasil são Argentina, Chile, Estados Unidos e Bolívia (POSSE et al., 2010).

O histórico de produção brasileira de feijão é positivo, em relação a alguns produtos da frente nacional de produção, sendo que o feijão brasileiro não enfrentou uma grande crise em seu mercado interno e nem no mercado externo (BRASIL, 2011c). Análises recentes do mercado sinalizam que haverá ampliação no consumo per-capita do produto no mundo, sendo verificadas essas tendências nos últimos anos, isso retoma a tendência de melhoria no nível de preços, acenando para que haja uma ampliação da área plantada atualmente (POSSE et al., 2010).

As exportações brasileiras vêm mostrando sempre um aumento significativo e interessante, sendo que os índices sempre aumentam em relação a alguns setores. O agronegócio figura entre os setores que mais crescem, sendo que suas cifras aumentam a cada senso que é feito (SECEX, 2011).

Waquil et al. (2004) notaram que algumas faixas de produtos brasileiros apresentavam orientação regional em níveis elevados em relação ao mercado europeu, ficando a soja e derivados, suco de laranja e café em primeiro lugar, sendo que os produtos agrícolas são responsáveis por 20% do total que o Brasil exporta.

O Brasil apresenta uma ampla gama de compradores para o feijão produzido, sendo que sua participação nesses mercados vem apresentando cada vez mais relevância e vem aumentando de forma significativa (UN Comtrade, 2011). Os principais destinos para o feijão brasileiro é Angola, Japão, Estados Unidos, Uruguai, Holanda e Portugal (FAO, 2011). Sendo que Angola destoa dos demais mercados, sendo o mercado mais importante para a cadeia do feijão brasileiro. O Brasil não possui histórico relevante de exportações de feijões, sendo que são exportadas pequenas quantidades, que visam apenas manter contratos e a balança comercial (BRASIL, 2011c).

Dentro dos países importadores de feijão brasileiros, podemos notar que o Brasil exporta feijão para quatro dos seis continentes, o que deixa claro que o Brasil tem participação nesse mercado e que tem potencial para aumentar ainda mais essa participação.

Tendo em vista esse crescimento, esse estudo teve como objetivo caracterizar as exportações de feijão brasileiras, procurando estabelecer a orientação regional do feijão exportado pelo Brasil aos seus principais destinos.

2. METODOLOGIA



Para analisar a orientação regional das exportações brasileiras de feijão foi utilizado o Índice de Orientação Regional (IOR). O Índice de Orientação Regional (IOR), estimado pela equação 1.

$$IOR = \frac{\left(\frac{X_{ki}}{X_{ti}}\right)}{\left(\frac{X_{ke}}{X_{te}}\right)} \quad (1)$$

Onde:

X_{ki} = Valor das exportações brasileiras de feijão;

X_{ti} = Valor total das exportações brasileiras intrabloco/região;

X_{ke} = Valor das exportações brasileiras de feijão extrabloco/região;

X_{te} = Valor total das exportações brasileiras extrabloco/região.

O índice situa-se num intervalo de zero a infinito, no qual a unidade indica uma mesma tendência para exportar o produto a membros e a não membros, enquanto valores crescentes, observados ao longo do tempo, indicam tendência para exportar mais para a região analisada.

Analisando os resultados do IOR, pode-se dizer que quando o $IOR > 1$ existe orientação regional do produto k na região avaliada; regular quando estiver entre 0,5 e 1; baixo quando apresentar $IOR < 0,5$; e ainda pode ser nulo quando não apresentar exportações para a região analisada. Avaliando um período de tempo determinado, se o IOR apresentar valores crescentes, a tendência é aumentar as exportações para essa região, caso aconteça o contrário, ou seja, se apresentar valores decrescentes ao longo do tempo, a tendência é exportar para fora da região.

Os dados utilizados para o cálculo do IOR foram coletados na *Food Agriculture Organization of the United Nations (FAO)* e *United Nations Commodity Trade Statistics Database (UN Comtrade)*.

Destarte a importância econômica e cultural do feijão, os dados sobre a cultura são controversos. A formação de um conjunto de fatores que vão desde a metodologia de coleta de dados, fontes, especulação e interesses econômicos e mercadológicos determinam a inconsistência das informações encontradas sobre a cultura do feijão. Visto esse problema, fizeram-se os levantamentos das exportações brasileiras no site do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Aliceweb2) e no site da *United Nations Commodity Trade Statistics Database (UN Comtrade)*. Houve incompatibilidade de dados, sendo que se optou por utilizar os dados obtidos no site da UN Comtrade, pois, apresentou maior consistência em relação ao comércio conhecido de feijão no mundo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Orientação regional para Angola

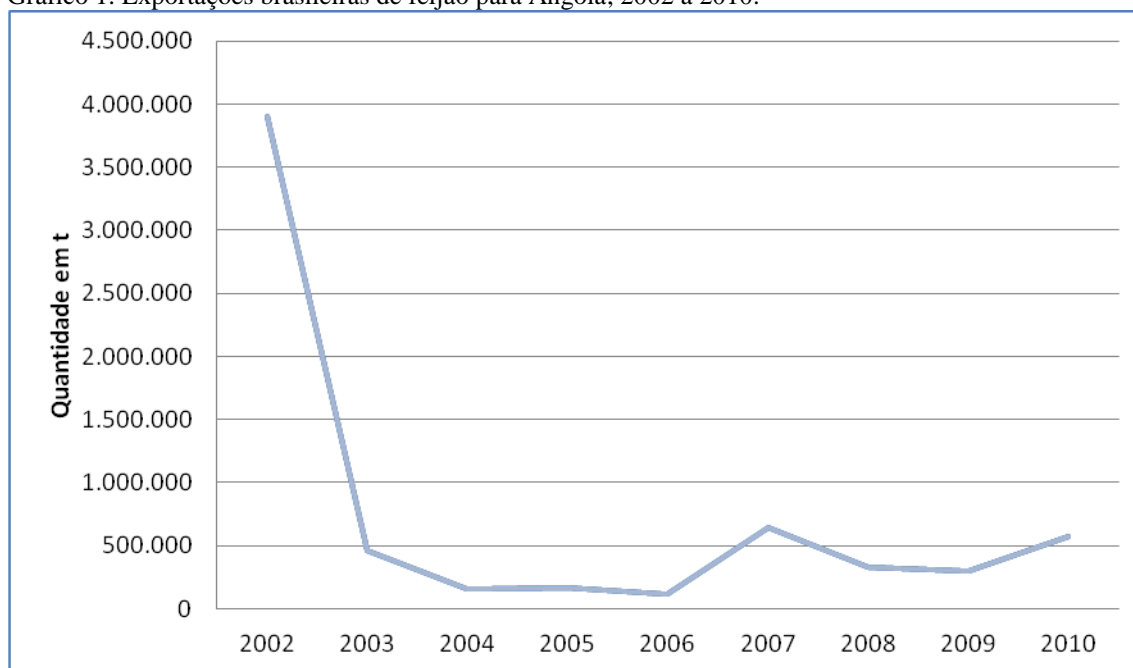
O gráfico 1 mostra o histórico das exportações brasileiras para Angola. Com exceção do ano de 2002, onde houve 3,9 milhões de dólares em exportações de feijões para Angola, o Brasil não apresentou valores tão elevados nas exportações para esse país nos



anos seguintes. A exportação mais elevada de feijão brasileiro para Angola é explicada por uma quebra na produção angolana de feijão no ano 2000, causada por uma baixa dos preços em anos anteriores, desestimulando o plantio. A recuperação das áreas plantadas naquele país aconteceu apenas no ano de 2003, onde se vê a queda abrupta das exportações brasileiras de feijão para aquele país.

O Brasil tem Angola como seu grande importador de feijão, sendo que o feijão brasileiro encontra uma grande receptividade nesse país. Observando a tabela 1, nota-se que o feijão brasileiro tem um IOR elevado em relação ao mercado angolano, sendo que os anos de 2002 e 2003 tiveram índices bem discrepantes em relação à importação de feijão brasileiro por parte desse país. Com exceção dos anos de 2006 e 2009, onde os índices tiveram valores menores. Em todos os anos o Brasil exportou mais feijão para o mercado angolano do que para outros países. A queda ocorrida em 2009 de exportações brasileiras de feijão para Angola pode ser explicada pelo fato de Angola ter conseguido aumentar sua produção de feijão, que em 2008 era de 124.464 toneladas de feijão para 247.314 toneladas, mais que dobrando sua produção interna de feijão.

Gráfico 1. Exportações brasileiras de feijão para Angola, 2002 a 2010.



Fonte: Elaborado a partir de dados do UN Comtrade.

Tabela 1. Índice de Orientação Regional (IOR) das exportações brasileiras de feijão para Angola, 2002 a 2010.

Anos	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
IOR	287	105	36	26	4	44	26	5	56

Fonte: Dados da pesquisa.

Esse aumento da produção naquele país fez com que fosse diminuída a quantidade de feijão importada do Brasil. Mas, mesmo com todo o aumento na produção de ocorrido em

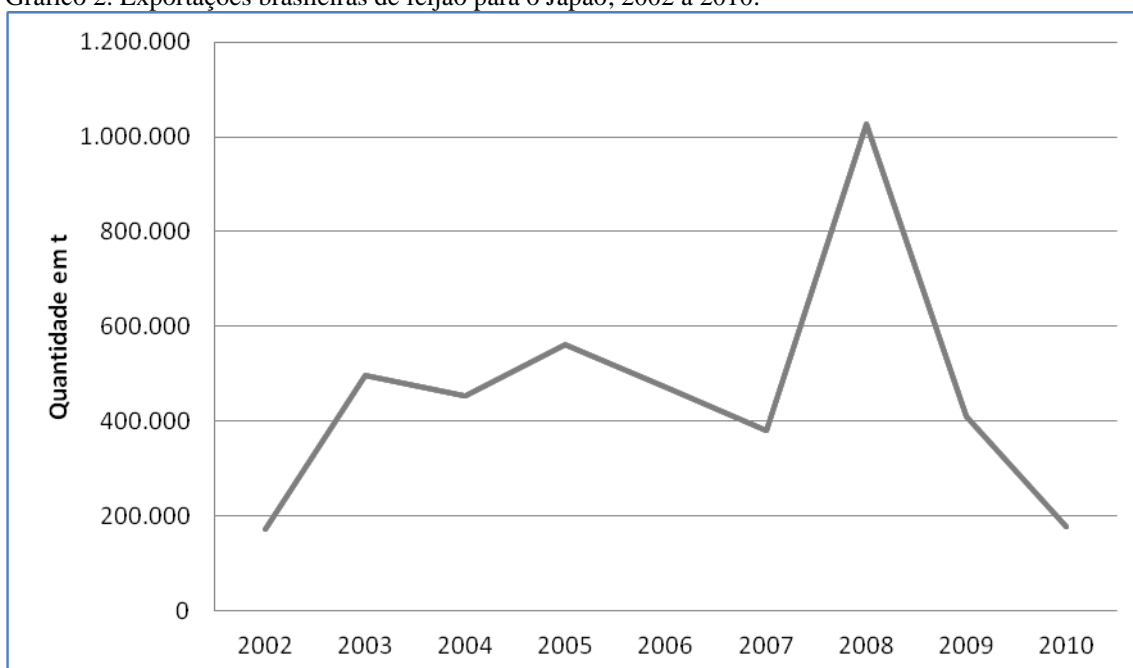


2009, não foi suficiente para que Angola conseguisse suprir sua demanda interna apenas com produção local, fazendo com que voltasse a importar grandes quantidades de feijão do Brasil em 2010.

3.2. Orientação regional para o Japão

As exportações brasileiras de feijão para o Japão apresentam oscilações no decorrer dos anos, sendo, que vinha apresentando uma tendência de crescimento até no ano de 2008, quando o Brasil exportou 1,02 milhão de dólares em feijões para o Japão (Gráfico 2). Esse aumento se dá pela quebra da produção de alguns exportadores. Após o ano de 2008, começou a haver uma queda nas quantidades de feijão brasileiro importadas pelo de Japão. A principal razão desta queda das exportações brasileiras de feijão ao Japão após 2008 está relacionada ao fato de que Myanmar, que está localizado bem mais próximo do Japão que o Brasil (menor custo de transporte) apresentou aumentos consideráveis de produção de feijões. Essa superoferta gerada em Myanmar provocou queda nos preços locais, motivando a preferência dos japoneses pelo produto daquele país.

Gráfico 2. Exportações brasileiras de feijão para o Japão, 2002 a 2010.



Fonte: Elaborado a partir de dados do UN Comtrade.

O Japão se apresenta como um grande mercado de feijão, sendo que o povo japonês consome quase todas as formas de feijão. O grande consumo de feijão japonês se dá pelo fato de o doce conhecido como Moshi, muito popular no Japão, ser feito a base de feijão e esse doce aparece na culinária japonesa em quase todos os festivais e em todas as sobremesas, sendo muito popular nos restaurantes e hotéis, seu consumo é muito alto e explica o grande consumo de feijão por parte do Japão (ITACHI e SOUZA, 2008).



A tabela 2 mostra o IOR das exportações brasileira em relação ao mercado de feijão japonês, sendo, há oscilações em relação a esse mercado. O ano de 2008 se destaca como o ano em que houve o maior IOR, sendo que pode ser explicado pelo fato de o Japão ter importado menos feijão da Austrália, França e Vietnã.

Tabela 2. Índice de Orientação Regional (IOR) das exportações brasileiras de feijão para o Japão, 2002 a 2010.

Anos	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
IOR	1	11	17	17	3	6	60	2	2

Fonte: Dados da pesquisa.

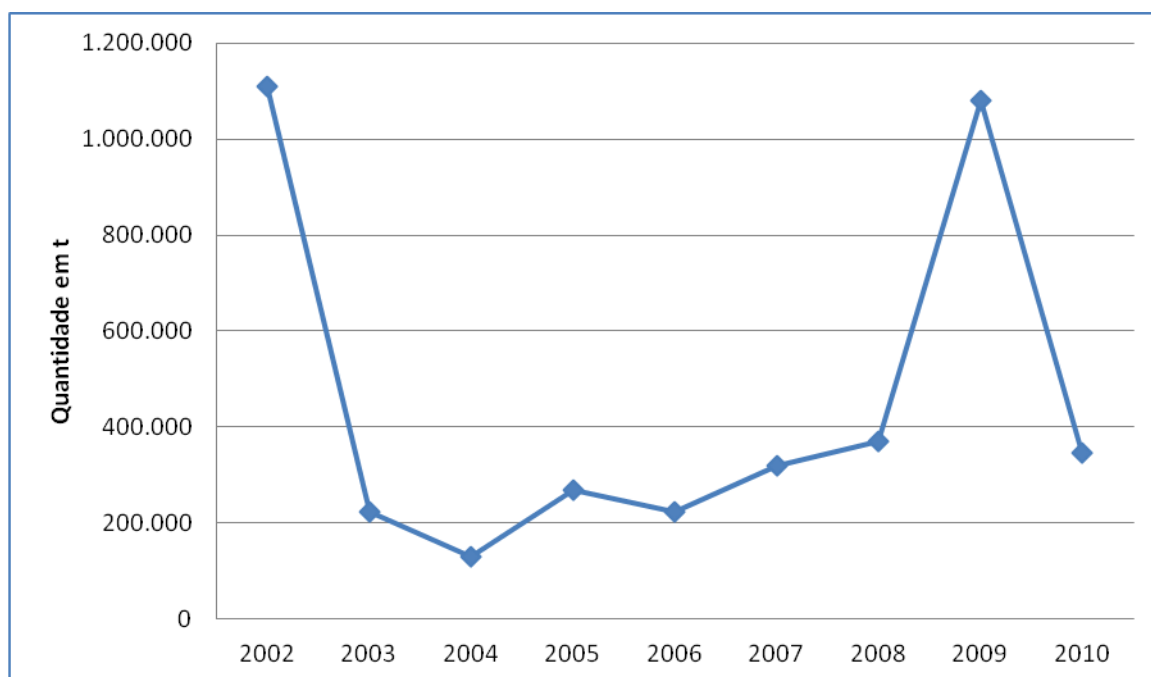
Apesar de as exportações de feijão do Brasil apresentarem IOR elevado em relação ao Japão, sua participação no mercado japonês é mínima, sendo que não alcança 1% de participação, ficando na casa dos 0,52%. O Brasil precisaria investir mais nesse mercado, que apresenta oscilações quanto às importações do feijão brasileiro.

3.3. Orientações para os Estados Unidos

As exportações brasileiras de feijão para o Estados apresentam uma queda muito grande depois do ano 2002, quando Brasil exportou para os Estados Unidos 1,1 milhão de toneladas de feijão, já no de 2003 esse valor caiu para 223 mil toneladas, demonstrando uma queda bruta das importações de feijão dos Estados Unidos para o feijão brasileiro (Gráfico 3). Esse fato pode ser explicado pelos Estados Unidos terem apresentado uma safra maior do que as que vinha apresentando, não precisando importar tanto feijão (COMTRADE, 2011). No período de queda os Estados Unidos apresentaram contratos com novos mercados, não importando feijão brasileiro em grandes quantidades no decorrer dos anos.

No ano de 2009 as exportações brasileiras de feijão para os Estados Unidos apresentaram outro aumento, indo de 370 mil toneladas em 2008, para 1 milhão de toneladas de feijão. Esse fato se deve a uma quebra das exportações de feijão da Holanda para os Estados Unidos, que comprou o feijão brasileiro nesse período, fazendo com que as exportações de feijão voltassem a crescer, diminuído no ano posterior, de 2010, que as exportações ficaram em 343 mil toneladas.

Gráfico 3. Exportações brasileiras de feijão para os Estados Unidos, 2002 a 2010.



Fonte: Elaborado a partir de dados do UN Comtrade.

A tabela 3 deixa a vista o IOR em relação às exportações de feijão para os Estados Unidos, o que se pode ver é que na maior parte dos anos analisados o índice ficou a baixo de 1, demonstrando que há pouca orientação das exportações brasileiras de feijão para esse mercado. Outro aspecto que torna a tabela interessante é que no ano de 2002, quando as exportações ficaram na casa de 1,1 milhão de toneladas, o índice foi menor que 1, isso se deve ao fato de o Brasil ter exportado mais feijão para o mundo, fazendo com que índice de orientação para esse país ficasse a baixo do valor intermediário.

Tabela 3. Índice de Orientação Regional (IOR) das exportações brasileiras de feijão para os Estados Unidos, 2002 a 2010.

Anos	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
IOR	0	0	0	1	0	1	2	1	1

Fonte: Dados da pesquisa.

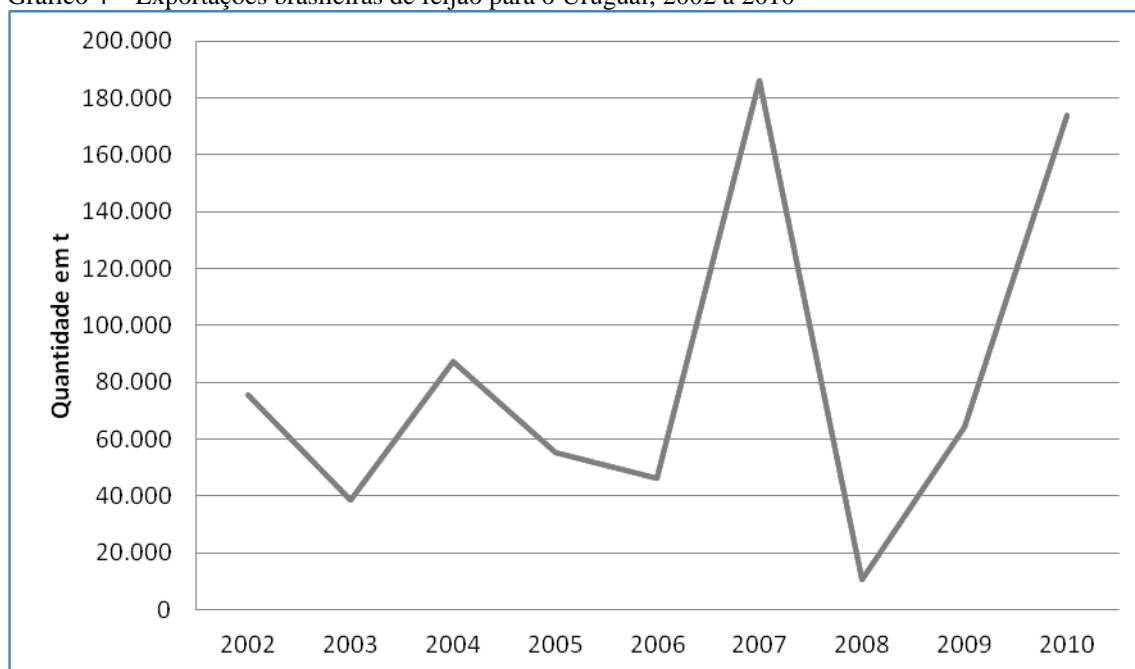
Ainda nessa linha, o ano de 2008 apresenta outro aspecto curioso, pois, em 2008 o Brasil exportou apenas 370 mil toneladas de feijão para os Estados Unidos e 2008 apresentou o maior de todos os índices, ficando com 2. Isso se deve ao fato de o ano de 2008 ter sido o ano em que o Brasil exportou a menor quantidade de feijão no período analisando, exportando uma quantidade pouco superior à 1 milhão de toneladas de feijão, fazendo com que índice ficasse tão alto em relação ao mercado dos Estados Unidos.

3.4. Orientação regional para o Uruguai

O Brasil apresenta um histórico de oscilações no comércio de feijão com o Uruguai, sendo que o gráfico 4 deixa patente o que aconteceu nos últimos anos em relação as exportações brasileiras para o mercado uruguaio.



Gráfico 4 – Exportações brasileiras de feijão para o Uruguai, 2002 a 2010



Fonte: Elaborado a partir de dados do UN Comtrade.

O Uruguai figura entre os principais países compradores de feijão brasileiro, sendo que no ano de 2007 as exportações brasileiras chegaram a 186 mil toneladas, número pequeno, mas que para esse mercado e para participação brasileira no mercado de feijão internacional, representa um avanço e uma participação enorme no mercado uruguaio de feijão. O mesmo efeito por ser observado no ano de 2010, quando atingiu 174 mil toneladas, favorecendo as exportações de feijão brasileiras para o Uruguai.

O Brasil apresenta uma participação de 10,38% de participação no mercado Uruguai de feijão, sendo que o Brasil figura como um dos principais exportadores de feijões para esse país. O principal exportador de feijão para o Uruguai é a Argentina, tendo uma participação de 27,37% de participação no mercado uruguaio de feijão.

As exportações de feijões para o Uruguai apresentam uma oscilação, sendo que esses números variam em períodos definidos, chegando a um IOR próximo de 10 a cada três anos (2004, 2007 e 2010) (Tabela 4).

Tabela 4. Índice de Orientação Regional (IOR) das exportações brasileiras de feijão para o Uruguai, 2002 a 2010.

Anos	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
IOR	1	4	10	5	1	10	1	1	9

Fonte: Dados da pesquisa.

Isso pode ser explicado por acordos bilaterais feitos entre Brasil e Uruguai, sendo que há produtos que devem ser importados e exportados por ambos os países, pois, devem cumprir cláusulas de cooperação do MERCOSUL. O que se pode observar, é que em todos os anos houve orientação regional das exportações de feijões brasileiros para o Uruguai, sendo que é um mercado ainda em desenvolvimento e o Brasil precisa investir em políticas



mais efetivas de produção e exportação de feijão para que consiga maiores faixas de participação no mercado uruguaio de feijão.

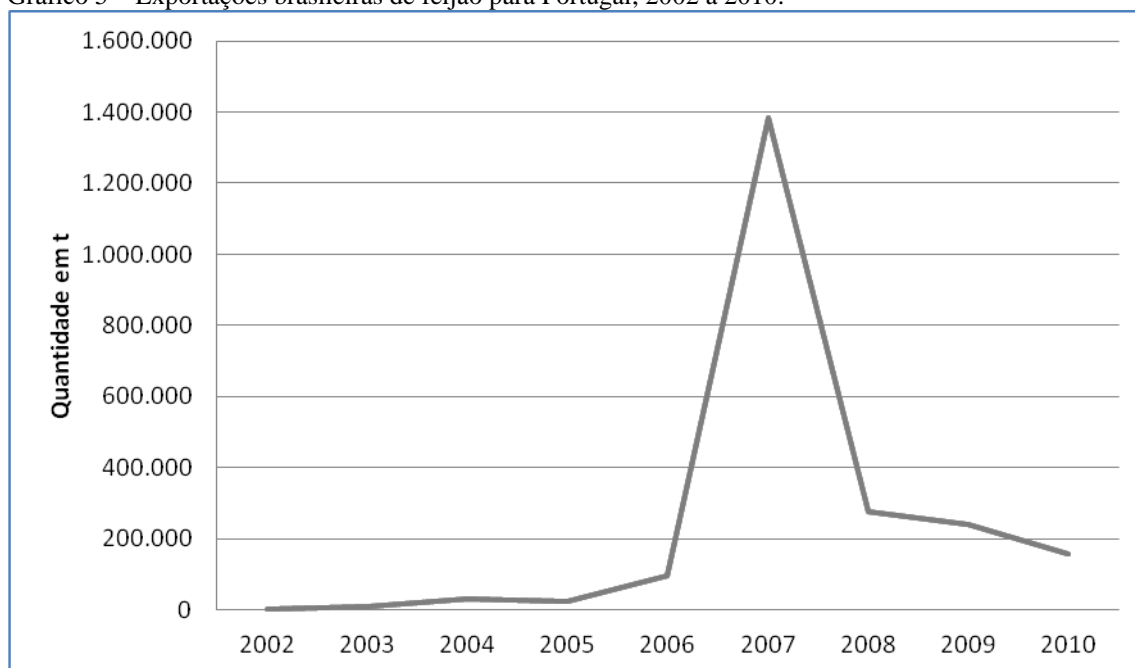
3.5. Orientação regional para Portugal

Portugal não se apresenta como um mercado muito grande para o feijão brasileiro, mesmo sendo um grande consumidor, a maior parte do feijão consumido em Portugal é proveniente de Myanmar e Argentina. Observando o gráfico 5, pode-se notar que até ano de 2005, as exportações brasileiras de feijão para Portugal apresentam níveis baixos. Em 2007 o Brasil exportou 1,3 milhão de dólares para Portugal, o que representou um salto em relação aos valores de exportações anteriores a esse ano, que eram em média de 20 mil dólares. Depois dos valores ano de 2007, Brasil apresentou quedas nas exportações de feijão para Portugal, mas, ainda manteve participação importante naquele mercado.

Portugal apresenta-se como um mercado promissor para as exportações de feijões brasileiras. A tabela 5 demonstra que o Brasil teve um aumento abrupto em suas exportações de feijões para Portugal no ano de 2007, com ligeira redução em 2008. Mesmo com a diminuição do IOR em 2008 e 2009, as exportações de feijão brasileiras continuam tendo orientação regional para Portugal.



Gráfico 5 – Exportações brasileiras de feijão para Portugal, 2002 a 2010.



Fonte: Elaborado a partir de dados do UN Comtrade.

Tabela 5. Índice de Orientação Regional (IOR) das exportações brasileiras de feijão para Portugal, 2002 a 2010.

Anos	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
IOR	0	0	2	2	2	109	24	4	8

Fonte: Dados da pesquisa.

A distorção nas exportações brasileiras de feijão para Portugal pode ser explicada pela quebra de produção que a Austrália teve no ano de 2007. Naquele ano Portugal não importou feijão da Austrália, suprimindo sua demanda a partir do Brasil. Myanmar que também é um exportador de feijão para Portugal, apresentou, assim como Austrália, uma redução em suas exportações para Portugal no mesmo ano, o que explica o pico na orientação regional das exportações Brasileiras para Portugal ocorrido no ano de 2007. O Brasil ainda tem muito que crescer em relação a esse mercado, sendo que ainda tem uma participação que não passa de 1%, ficando na faixa de 0,89% de participação das importações de feijões feitas por Portugal.

4. CONCLUSÕES

O presente estudo deixa claro, que mesmo o Brasil precise importar feijões para que consiga suprir sua demanda interna de feijão, ainda apresenta uma pequena participação nas importações de feijões feitas pelos países analisados na pesquisa.

Angola se destaca como o país que mais importa feijão de origem brasileira, sendo que o Brasil tem esse país como seu principal mercado. O Uruguai também se apresenta



como um mercado importante para o feijão brasileiro, mas, apresenta oscilações nas quantidades importadas do Brasil de feijão.

O Brasil tem potencial para explorar essa faixa de mercado, precisa apenas ter mais investimentos em produtividade e aumentar a área plantada com feijão, sendo que políticas para que esse setor se torne mais competitivo devem ser elaboradas, visando fazer com que esse setor cresça em importância no agronegócio nacional.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. Feijão. Secretária de Produção e Comercialização. Disponível: <www.agricultura.gov.br>. Acesso em: 26 out. 2011a.

BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. Conjuntura futura. Secretária de Produção e Comercialização. Disponível: <www.agricultura.gov.br>. Acesso em: 26 out. 2011b.

BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. Exportações de feijão. Secretária de Produção e Comercialização. Disponível: <www.agricultura.gov.br>. Acesso em: 26 out. 2011c.

CONAB. COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Feijão histórico. Disponível: <<http://www.conab.gov.br>>. Acesso em: 01 nov. 2011.

EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Centro Nacional de Pesquisa de Arroz e Feijão. Informações socioeconômicas do feijão. Disponível: <<http://www.cnpaf.embrapa.br/apps/socioeconomia/index.htm>>. Acesso: 01 nov. 2011.

Food Agriculture Organization of the United Nations (FAO). Disponível: <<http://faostat.fao.org>>. Acesso: 28 set. 2011.

ITACHI, F.; SOUZA, F. B. V. Curiosidades da cultura japonesa. Textos para leitura e discussão, 2008. Disponível: <http://www.culturajaponesaemartigos.com.br/texto_discussão/moshi_consumo_feijão_japones.htm>. Acesso em: 27 set. 2011.

POSSE, S.C.P.; RIVA-SOUZA, E.M.; SILVA, G.M. da; FASOLO, L.M.; SILVA, M.B. da; ROCHA, M.A.M. Informações técnicas para cultivo do feijoeiro-comum na região central brasileira: 2009-2011. Vitória, ES: Incaper, 2010. (Incaper. Documentos, 191).

SECEX. Secretaria de Comércio Exterior. Setores que mais crescem no Brasil. Disponível: <<http://www.mdic.gov.br>>. Acesso: 27 set. 2011.

SILVA, C. A. B.; BATALHA, M. O. Competitividade em sistemas agroindustriais: metodologia e estudo de caso. II Workshop Brasileiro de Gestão de Sistemas



Agroindustriais. Ribeirão Preto, 1999. Disponível: <<http://ceragro.iica.int>>. Acesso: 27 out. 2011.

United Nations Commodity Trade Statistics Database (UN Comtrade). Disponível: <<http://comtrade.un.org/>>. Acesso: 29 set. 2011.

WAQUIL, P.D.; ALVIM, A.M.; SILVA, L.X.; TRAPP, G.P. Vantagens comparativas reveladas e orientação regional das exportações agrícolas brasileiras para a União Européia. Revista de Economia e Agronegócio, Viçosa, v.2, n.2, p.137-160. 2004.